



**E** escrever é um perigo. Salman Rushdie foi ameaçado e esfaqueado depois que lançou seus versos, Antônio Maria teve as mãos esmagadas ao publicar um artigo e cunhou uma frase genial — “Que bobos, eles pensam que jornalistas escrevem com as mãos!” — e, lá na Antiguidade, Sócrates foi obrigado a tomar cicuta e morreu por causa de seus ensinamentos.

Clarice Lispector confessou que tinha medo de escrever. “É tão perigoso”, disse, ao falar do risco de mexer no que está oculto. Ditaduras pelo mundo prendem, torturam e matam escritores, poetas.

Mas até aí é coisa séria, reações brutas a ideias que incomodam, perigosas e ameaçadoras para déspotas, que, colocadas no papel, assumem ares de revolução. Nos dias atuais — quando boas ideias são cada vez mais raras —, o risco é mais brando e vem da datilografia dessas mensagens que todo mundo troca pelo telefone.

E a culpa é do chamado corretor ortográfico da geringonça, que altera pensamentos inteiros a partir de uma letrelinha datilografada com erro. À parte a ignorância e a falta de conhecimento da língua portuguesa, tão maltratada, a pressa prega peças.

O meu caso: não tenho os dedos das mãos grossos demais, nem sou sindactílica, que é aquela doença em que os dedos são colados, mas tenho dificuldade em teclar no telefone. E as palavras

# A palavra nova

saem atravessadas, como se estivessem na garganta de um tartamudo, jorrando uma ideia que nem sempre comporta uma releitura.

Aliás, releitura é um termo complexo. Desde que Tião a usou pela primeira vez no bar, dizendo que determinada ação merecia uma releitura, sofreu uma reprimenda do finado Chicão, exímio revisor, mas principalmente um polemista: “Releitura é coisa para gente que leu, não entendeu e tem que ler de novo. Gente burra”, dizia ele, sem cerimônia.

Voltando ao meu caso, escrevo uma mensagem e, por alguma necessidade de urgência que

só esses dias atribulados explicam, aperto logo o botãozinho de mandar... E quando vou ler, aparecem palavras ininteligíveis que o corretor automático colocou no lugar do que pensei.

Dia desses, trocava mensagens de trabalho com uma amiga, quando digitei alguma coisa e saiu a palavra condoreiro. Ela me devolveu, dizendo que havia entendido o teor da mensagem, mas, ao invés de escrever “com direito”, apareceu aquela novidade.

O corretor escolheu a palavra aleatoriamente, até porque não fazia sentido nenhum na frase, e podia ter colocado cantareira (que também não faria sentido, já que é um móvel) ou cantoneira (outro vocábulo errado para a ocasião, já que é uma pecinha de metal). Ainda dizem que é inteligência artificial, mas se mostra até meio burrinho.

Só que, se não fosse pelo erro ortográfico, eu não saberia que condoreiro é um brasileirismo que significa algo elevado, eloquente, altissonante e que dá nome até a uma escola literária de poetas, com temática social e comprometida com causas igualitárias, fundada por Tobias Barreto. Obviamente, vem do condor, ave de voo alto e solitário e que enxerga longe.

Eis a ironia: a partir de um erro, descobri uma palavra inédita para mim. Só falta saber como vou usá-la.